[Casos de violação dos direitos humanos em Timor-Leste]

25. SET. 1985 CIDAC 004 TL3469
Centro de Documen

DOMINGOS SEIXAS

Domingos Seixas, um trabalhador do hospital no inicio dos seus trinta anos, foi condenado a 11 anos de cadeia, no inicio de 1984, e está agora a cumprir a pena na Prisão Cipinang, em Jakarta. Ele e cerca de 100 outras pessoas foram julgadas no Tribunal Distrital de Dili, estabelecido pela Indonésia, entre Dezembro de 1983 e o inicio de 1985, sob a acusação de secessão, com base nos Artigos 106 e 110 do Código Penal Indonésio.

Domingos Seixas nasceu em Letefoho, Ermera, em 1951. Estudou no Liceu de Dili. Trabalhou então como auxiliar de laboratório no Hospital Central, em Dili. A seguir à invasão Indonésia em Dezembro de 1975, afirma-se ter sido detido durante cerca de um mês. Trabalhou posteriormente como paramédico no Hospital de Dili. Relata-se ter sido novamente preso e detido por um curto periodo a seguir ao ataque da Fretilin aos arredores de Dili em 10 de Junho de 1980, e novamente em 1982. Nos dias seguintes à quebra do cessar-fogo entre as forças Indonésias e a Fretilin, em Agosto de 1983, ele foi preso mais uma vez e afirma-se ter sido enviado para a ilha Indonésia de Bali. Parece ter sido trazido para Dili para o julgamento, no inicio de 1984, e foi seguidamente enviado para a Prisão de Cipinang, onde permanecia a meio de 1985.

MARIANO BONAPARTE SOARES

Mariano Bonaparte Soares foi condenado a 16 anos de cadeia, no início de 1984, acusado com base nos Artigos 106 e 110 do Código Penal Indonésio, de conspiração para levar à secessão uma parte do estado. Ele está actualmente a cumprir a sentença na Prisão Cipinang, em Jakarta. Antes da sua condenação, esteve continuamente preso sem acusação nem julgamento, desde a sua detenção a seguir a um ataque da Fretilin aos arredores de Dili, em 10 de Junho de 1980. Anteriormente ele esteve na Prisão da Comarca em Dili, desde pouco depois da invasão Indonésia até aos finais de 1977 ou início de 1978. Durante este tempo esteve frequentemente doente, aparentemente como resultado do regime prisional severo.

Depois da sua prisão em Junho de 1980, Mariano Bonaparte foi levado para uma casa no Bairro Colmera, em Dili, requisitada pela Unidade paracomando Indonésia Kopassandha, que tinha pertencido anteriormente a um comerciante Chinês. Afirma-se ter sido sujeito a espancamentos repetidos e maus tratamentos, incluindo ter sido submerso num tanque de água no jardim da casa. Foi posteriormente transferido para a Prisão da Comarca, onde aparentemente permaneceu até Agosto de 1983. Nesta altura, afirma-se que ele foi transferido para Bali com vários outros prisioneiros, alguns dos quais, como ele, estavam detidos por longos periodos, e outros que tinham sido recentemente presos, em ligação com a quebra do cessar-fogo entre a Indonésia e as forças da Fretilin, no inicio de Agosto de 1983. Voltou posteriormente para Dili para ser julgado num Tribunal Distrital estabelecido pela Indonésia. Ele foi um dos 43 prisioneiros enviados, durante 1984, para Jakarta para cumprirem as suas sentenças. Cerca de 100 Timorenses foram julgados, no Tribunal Distrital de Dili, entre Dezembro de 1983 e o inicio de 1985, acusados na base dos Artigos 106 e 110 do Código Penal Indonésio, de conspirarem para a secessão de uma parte da Indonésia.

Mariano Bonaparte era membro da familia Bonaparte de Manatuto, alguns dos quais foram membros proeminentes da Fretilin. A sua irmã, Rosa Bonaparte (Muki), foi secretária da organização das mulheres da Fretilin, Organização Popular da Mulher de Timor. Afirma-se que ela foi executada em Dili, pelas tropas Indonésias, a 7 de Dezembro de 1975, o dia da invasão. Mariano Bonaparte diz-se ter sido vice-secretário do Secretariado do Comité Central da Fretilin. Ele tem agora 36 anos de idade.

CAETANO DE SOUSA GUTTERES

Caetano de Sousa Cutteres está a cumprir seis anos de cadeia na Prisão Cipinang, em Jakarta. Acredita-se que ele foi julgado em Dili a meio de 1984, com base nos Artigos 106 e 110 do Código Penal Indonésio, sob acusação de secessão. Ele é um dos 100 Timorenses jilgados e condenados no Tribunal Distrital de Dili, estabelecido pela Indonésia, entre Dezembro de 1983 e o inicio de 1985. Originário de Buibela, próximo de Baguia, Caetano de Sousa Cutteres foi preso a seguir à quebra do cessar-fogo entre as forças Indonésias e a Fretilin, em Agosto de 1983. Nesta altura, ele vivia em Dili, com a sua mulher e filhos, trabalhando numa repartição local do Departamento da Indústria Indonésio.

Antes da invasão Indonésia, Caetano de Sousa Cutteres era primeiro-sargento do exército Português. A seguir à invasão, afirma-se que ele lutou com a Fretilin na região de Baguia até se render ou ser canturado pelas tropas Indonésias, no final de 1978. Diz-se que então, durante quatro meses ele actuou como guia (TBO, Tenaga Bantuan Operasi - Auxiliares de operações) das forças Indonésias e que foi colocado na aldeia de "recolonização" de Uatocarabau. Foi-lhe permitido, mais tarde, ir para Dili, para ocupar um posto no Departamento da Indústria. No inicio de 1985, diz-se que ele teria 35 anos de idade.

DUARTE CARVALHO

Duarte Carvalho afirma-se ter sido uma das várias centenas de pessoas presas a seguir à quebra, em Agosto de 1983, do cessar-fogo entre as forças da Indonésia e da Fretilin. Afirma-se ter morrido na prisão em Kupang, Timor Ocidental, a meio de 1984, como resultado da má-nutrição e das fracas condições prisionais.

Nasceu na aldeia de Bazartete, Likisa. Antes da invasão, trabalhava como motorista de autocarros, para a municipalidade de Dili. Anteriormente à sua prisão, provavelmente no inicio de Setembro de 1983, trabalhava como condutor para o Comité Internacional da Cruz Vermelha. Pensa-se que se tornou suspeito porque o seu emprego lhe dava mobilidade por todo o território e porque se pensa que o filho é um apoiante da Fretilin, ainda na mata.

A seguir à sua prisão, ele foi um dos muitos detidos que se afirma terem sido enviados de Timor-Leste para Bali. Em Novembro de 1983, afirma-se estar detido em Dili, na Prisão da Comarca. Foi posteriormente transferido para a prisão em Kupang, na provincia Indonésia de Timor-Ocidental, onde se relata ter morrido a meio de 1984, devido à malnutrição e condições gerais prisionais fracas.

DOMINGAS DA COSTA

Domingas da Costa, de 26 anos de idade, está detida na Prisão de Mulheres de Tanggerang, próximo de Jakarta, a cumprir uma pena de seis anos de cadeia. Foi inicialmente enviada para Jakarta com o seu filho de 3 anos, que se afirma ter sido posteriormente enviado para a familia em Dili. Ela é uma de um grupo de mulheres mencinadas como tendo sido condenadas em julgamentos realizados em Timor-Leste desde Dezembro de 1983. As outras identificadas pelo nome - duas chamadas Maria Imaculada e uma Beatriz Alberto - afirma-se estarem detidas na Prisão da Comarca em Dili até ao final de 1984. Os seus filhos diz-se estarem com elas na prisão.

Pouco é conhecido das razões da detenção de Domingas da Costa ou do seu passado. Como outros levados a julgamento, ela foi acusada na base dos Artigos 106 e 110 do Código Penal Indonésio, por conspirar para levar à secessão uma "parte do território estatal" (da Indonésia). De acordo com noticias não confirmadas, ela poderá ser esposa de Eduardo da Costa, que está detido na Prisão Cipinang, também em Jakarta, cumprindo uma pena de sete anos de cadeia, por acusação semelhante à da Domingas da Costa. Eduardo da Costa foi identificado como uma de um grupo de cinco pessoas presumivelmente presas no inicio de 1983, alegadamente por possuirem panfletos da Fretilin. O paradeiro de outro membro deste grupo, Afonso de Jesus, é desconhecido e é considerado como "desaparecido".

A Amnistia Internacional está preocupada que o julgamento de Domingas da Costa poderá não ter sido de acordo com os padrões internacionais, e em particular que ela não tenha podido ter acesso a uma defesa da sua escolha, e que lhe possa ter sido negado o direito de examinar as testemunhas e a apelar da sua sentença. A Amnistia Internacional também acredita que o seu julgamento não tenha sido público, tanto que não foi publicitado ou pelo menos sumariamente noticiado. A Amnistia Internacional está preocupada que Domingas da Costa esteja detida em Jakarta, longe de sua casa e dos seus familiares.

MARIA GORETE JOAQUIM

Maria Gorete Joaquim tinha 17 anos quando "desapareceu" em Março-Abril de 1979. O seu "desaparecimento" teve um impacto particularmente forte nos habitantes da capital, Dili - ele é talvez o incidente mais frequentemente referido pelas pessoas que têm dado informações à Amnistia Internacional sobre a situação dos direitos humanos em Timor-Leste.

Maria Gorete era sobrinha de Leopoldo Joaquim, um membro do Comité Central da Fretilin, com responsabilidades para a Administração Interna e Segurança. Ela foi detida logo após a invasão, pelo seu presumível envolvimento na organização estudantil da Fretilin, Unetim (União de Estudantes de Timor), e foi levada para interrogatórios várias vezes consecutivas, possivelmente por suspeita de ter actuado como intermediária entre as forças da Fretilin na mata e apoiantes em Dili.

O mais recente destes interrogatórios afirma-se ter ocorrido em Setembro de 1978. É relatado que após a sua libertação, um mês depois, ela, o seu tio e duas outras pessoas, que antes da sua captura tinham sido membros proeminentes da Fretilin, eram enviados regularmente para a mata em companhia das tropas Indonésias para espalharem mensagens de propaganda, no sentido de induzirem as forças da Fretilin ainda em luta a renderem-se.

Ela e o seu tio Leopoldo, assim como duas outras pessoas, Anibal Araujo e João Baptista de Jesus Soares, afirmou-se terem sido levados das suas casas pelas tropas Indonésias, em Março ou Abril de 1979. Quando Maria Gorete e Leopoldo foram levados, os seus familiares foram possivelmente informados de que eles iam ser enviados para a cidade de Baucau, a este de Dili. Nesta altura, muitos Timorenses, particularmente aqueles anteriormente ligados à Fretilin, "desapareceram". A Amnistia Internacional tem os nomes de mais de 350 pessoas que "desapareceram" no periodo de Novembro de 1978 a Maio de 1979. A Amnistia Internacional tem recebido notícias não confirmadas da execução de Maria Gorete Joaquim.

DAVID DIAS XIMENES

David Dias Ximenes, do Distrito de Baucau, agora com 36 anos de idade, era tenente no exército Português na altura da invasão Indonésia de Timor Leste, em Dezembro de 1975. Ele foi um dos poucos Timorenses a atingir aquele posto. Em 1974-75 tinha sido enviado a Portugal para treino. Não é conhecido que ele se tenha filiado abertamente na Fretilin e diz-se que foi recrutado para o exército Indonésio por um curto periodo. Presumivelmente, ele recusou aceitar a cidadania Indonésia e tornou-se suspeito devido a este facto.

David Dias Ximenes foi uma das aproximadamente 600 pessoas, presas pelas forças Indonésias, a seguir ao ataque de 10 de Junho de 1980, possivelmente da responsabilidade das forças da Fretilin, a um posto avançado do exército Indonésio em Becora, nos arredores de Dili, e a uma estação retransmissora de televisão em Dare, no Norte de Dili. Nesta altura, é mencionado como estando trabalhando como mecânico numa garagem que servia o governo "provincial" Indonésio (pemda). Nos dias seguintes ao ataque, David Ximenes foi presumivelmente enviado para um centro de interrogatórios estabelecido pelas tropas da unidade de elite paracomando, kopassandha, numa casa requesitada no Bairro Colmera, em Dili, que pertencia a um comerciante Chinês, Lay Ju Man.

David Ximenes esteve detido nesta casa pelo menos um mês. Aqui, ele foi possivelmente torturado durante o interrogatório; uma testemunha ocular que informou a Amnistia Internacional, diz que viu David Ximenes e outros a serem severamente espancados e submergidos num tanque de água, no jardim da casa.

David Ximenes foi seguidamente enviado para a prisão Distrital de Dili (a Comarca), onde aparentemente permaneceu detido até Setembro de 1983. Neste mês, ele e um número de outros detidos, muitos dos quais tinham sido recentemente presos a seguir à quebra do cessar-fogo entre a Fretilin e as forças Indonésias em Agosto de 1983, foram enviados de avião para fora de Timor Leste, possivelmente para Bali.

Ele voltou novamente para a Comarca e em Abril de 1984, a Amnistia Internacional soube que ele era uma das 23 pessoas que foram julgadas, sob a acusação de secessão, no Tribunal Distrital de Dili. David Ximenes foi [redacted]do a 15 anos de cadeia e foi enviado para a

prisão de Cipinang em Jakarta, onde um total de 42 presos políticos Timorenses estavam detidos no fim de 1984.

A Amnistia Internacional está preocupada que David Ximenes tenha sido torturado a seguir à sua prisão em 1980, que ele tenha sido detido durante três anos e meio sem acusação nem julgamento, que ele tenha sido julgado de acordo com procedimentos que não parecem respeitar os padrões legais internacionais e que ele esteja agora detido fora de Timor Leste, onde o contacto com os familiares é cheio de dificuldades.

WENCESLAU DE CARVALHO

Wenceslau de Carvalho diz-se ter sido preso em Dezembro de 1975, quando as forças Indonésias tomaram Oecusse, o enclave Português na parte Ocidental de Timor. Originário de Dili, ele estava a fazer o serviço nacional com um destacamento do exército Português, no enclave de Oecusse, quando as forças Indonésias o invadiram. Vinte e quatro membros do destacamento foram levados para Dili em Maio de 1976 e detidos no antigo quartel logístico Português. Dezassete foram de lá libertados no fim de 1978; dois fugiram no período da intervenção. Os cinco restantes foram enviados para a Prisão da Comarca. Quatro deles estavam ainda aparentemente detidos até ao fim de 1984, dos quais só Wenceslau de Carvalho foi levado a julgamento.

Ele foi julgado entre Dezembro de 1983 e Março de 1984, no Tribunal Distrital de Dili, estabelecido pela Indonésia, e foi condenado a oito anos de cadeia. No início de 1985 ele estava a cumprir a sentença na Prisão Cipinang em Jakarta. Entre Dezembro de 1983 e o início de 1985, cerca de 100 Timorenses foram julgados, acusados de conspirarem para levar à secessão uma parte do território estatal (Indonésio), ao abrigo dos artigos 106 e 110 do Código Penal Indonésio. A Amnistia Internacional tem repetidamente dado conhecimento ao Governo Indonésio das suas preocupações de que estes julgamentos não têm sido de acordo com os padrões internacionais, em particular no que respeita ao direito dos réus de escolherem o seu advogado, a examinarem as testemunhas e a apelarem da sua sentença. Os pedidos da Amnistia Internacional, às autoridades Indonésias para mais informações sobre os julgamentos, não obtiveram resposta. O seu pedido, em Abril de 1984, para assistir aos julgamentos foi recusado. No caso particular de Wenceslau de Carvalho, de acordo com a informação disponível para a Amnistia Internacional, ele não tomou parte em actos de resistência à invasão Indonésia e tem estado em detenção continua desde Dezembro de 1975. A Amnistia Internacional está por isso preocupada em descobrir as bases das acusações contra ele.

DULCE MARIA DA CRUZ

Dulce Maria da Cruz "desapareceu" pouco tempo depois de ter sido capturada próximo da vila de Luca, Viqueque, em Março de 1979, com o seu filho de três anos de idade. Em Outubro de 1974, no inicio dos seus vinte anos, ela era a responsável da escola primária em Maloa, Bairro Pite, Dili. Em Janeiro de 1975, ela foi nomeada para a Comissão Reformuladora do Ensino, criada pela administração Portuguesa. Ela foi provavelmente um membro activo do Comité Central da Fretilin e assumiu responsabilidades para a educação e cultura.

Depois da sua captura, ela foi presumivelmente levada para Dili para interrogatório. Nada mais se sabe sobre o seu destino. Outra pessoa capturada com ela, Nuno Horta, também "desapareceu". Diz-se que o seu filho foi seguidamente entregue aos cuidados da familia paterna.

O pai da criança, Vicente Reyes (Sa'he), um membro do Comité Central da Fretilin e nomeado ministro no governo estabelecido pela Fretilin em Novembro de 1975, foi presumivelmente morto em combate na altura da captura de Dulce Maria da Cruz.

ANTONIO PIEDADE SARMENTO

António Piedade foi um das várias centenas de Timorenses presos a seguir à quebra do cessar-fogo entre a Indonésia e a Fretilin em Agosto de 1983. Posteriormente ele "desapareceu". Afirma-se ter sido visto pela última vez no inicio de Setembro de 1983, no aeroporto de Dili, integrado num grupo de prisioneiros possivelmente levados para Bali, para interrogatórios. A Amnistia Internacional tem recebido informações de que ele teria morrido em consequência do mau tratamento recebido durante a detenção.

Presumivelmente nascido em Ossu, António Piedade estudou no Liceu de Dili e foi depois nomeado administrador de posto pelos Portugueses. Juntou-se à Fretilin na mata, mas não foi preso depois de ter sido capturado, no fim de 1978. O seu irmão, Moisés Piedade, afirma-se ter sido executado extrajudicialmente com a sua mulher, Maria, em Vai Bobo, Baucau, em Março de 1979, aparentemente porque Maria era irmã do Presidente da Fretilin, Nicolau Lobato. Muitos membros e parentes da família Lobato diz-se terem sido executados extrajudicialmente, "desaparecido" ou detidos.

JOÃO BOSCO GALUCHO SOARES

João Bosco Soares "desapareceu" presumivelmente depois de se ter rendido às tropas Indonésias, próximo de Remexio, em Dezembro de 1978. Nascido em Hatulia, na região produtora de café de Ermera, em Agosto de 1943, foi educado no Seminário de Nossa Senhora de Fátima, em Dare, próximo de Dili. Era primeiro-sargento da infantaria Portuguesa antes da invasão Indonésia. O seu irmão, Guido Soares, soldado profissional no exército Português, tornou-se Vice-Ministro da Defesa do Governo da República Democrática de Timor-Leste, proclamada pela Fretilin em Novembro de 1975, e relata-se ter sido morto em combate em Novembro de 1978. Vários outros membros da sua familia, também se diz terem sido mortos na mata, para onde foram após a invasão Indonésia, incluindo a sua mãe, pai, outro irmão, Valente, e a esposa de Valente.

Pouco antes de João Bosco Soares se ter rendido, a sua mulher e filho foram levados de helicóptero, pelas tropas Indonésias, numa jornada que cobriu muitas partes de Timor-Leste. Foi ordenado à sua mulher que apelasse a João Bosco Soares, através de um megafone, que se rendesse. A Amnistia Internacional tem ouvido outros exemplos de mulheres enviadas para a mata para apelarem aos seus maridos para se renderem. Afirma-se que João Bosco Soares foi levado de helicóptero para Same, depois da rendição. O seu destino e localização posterior são desconhecidos.

VENANCIO GOMES

Venâncio Gomes [redacted]" depois de ter sido preso, após um ataque da Fretilin a uma estação de Televisão e a um posto militar avançado, em Dili, na noite de 10 de Junho de 1980. Várias centenas de pessoas foram presas em Dili, após este ataque; a Amnistia Internacional possui os nomes de 73 pessoas que se diz terem sido executadas ou terem "desaparecido" depois deste incidente.

Venâncio Gomes, também conhecido pelo nome Timorense de Mau Seran, foi um dos poucos Timorenses que recebeu uma educação de nivel superior em Portugal. Ele regressou possivelmente a Timor Leste no inicio de 1975. Como membro do Comité Central da Fretilin, com responsabilidade para a "reconstrução nacional", Venâncio Gomes foi preso pelas forças Indonésias em 1975, nos primeiros dias da invasão. Ele disse ter sido libertado da Prisão da Comarca, em Dili, em 1979, trabalhando a partir desta altura, como motorista de táxi e ensinando em part-time numa escola da igreja no Bairro Balide em Dili. Depois do ataque de 10 de Junho, há noticias de ter sido novamente preso, detido na Prisão da Comarca durante uma semana e então levado para uma casa no Bairro Colmera,de Dili, que pertencia a um comerciante Chino-Timorense, Lay Ju Man, mas que foi requesitada pelas tropas Indonésias após a invasão. Cerca de 100 pessoas, daquelas que foram presas depois do ataque de 10 de Junho, diz-se terem sido levadas para esta casa, para interrogatórios nos dias seguintes. Durante os interrogatórios, muitos referiram terem sido espancados, submergidos em àgua e levado choques eléctricos. No espaço de um mês após a sua prisão, Venâncio Gomes é mencionado ter sido morto, ao ser atirado de um helicóptero. De acordo com uma informação recebida pela Amnistia Internacional, no dia 14 de Julho de 1980, ele foi levado para o aeroporto de Dili, colocado num helicóptero que levantou vôo para sudoeste, em direcção a Remexio; voltando 15 minutos depois - sem Venâncio Gomes. Na altura do seu "desaparecimento" ele tinha 28 anos. A Amnistia Internacional tem os nomes de outras sete pessoas que "desapareceram" depois de um periodo de detenção na casa de Lay Ju Man, após o ataque de 10 de Junho. São eles Pedro Lemos, João Barreto, Afonso Moniz, José Soares, Danilo da Silva, Raimundo Fátima e Hemengildo da Costa.

"AUGUSTO GUSMÃO

Augusto Gusmão, enfermeiro de Vemasse, Baucau, é dado como "desaparecido" depois de ter sido levado de sua casa pelas tropas Indonésias, na noite de 21 de Junho de 1984. O seu destino ou localização posterior são desconhecidos.

Na altura da invasão Indonésia, em Dezembro de 1975, Augusto Gusmão trabalhava como enfermeiro em Kelikai, Baucau. Afirma-se que então ele se juntou à Fretilin, na mata, tendo permanecido com ela até ser capturado, juntamente com outros milhares de pessoas, no Monte Matebian, em Novembro de 1978. Pouco depois ele voltou a Vemasse. Relata-se ter sido preso várias vezes consecutivas. Numa destas ocasiões, em Novembro de 1982, afirma-se ter sido preso com outras três pessoas, uma das quais, José Viegas, professor, "desapareceu". É mencionado que foi detido para interrogatórios, diversas vezes, durante o mês de Setembro de 1983, a seguir à quebra do cessar-fogo entre as forças Indonésias e a Fretilin, no mês anterior. Durante este periodo, várias centenas de Timorenses foram presos por suspeita de terem tido contactos com a Fretilin, incluindo alguns que "desapareceram". A meio de Junho de 1984, afirma-se que Augusto Gusmão foi levado para o Quartel-General do Comando Militar Distrital (KODIM), em Baucau, para mais três dias de interrogatórios durante os quais se afirma ter sido severamente espancado. Dois dias após a sua libertação foi levado mais uma vez de sua casa, e afirma-se estar desaparecido desde então. Acredita-se que estaria no fim dos seus trinta anos, na altura do seu "desaparecimento".

JOÃO BOSCO SARMENTO QUINTÃO

João Bosco Quintão "desapareceu" durante a detenção na Prisão da Comarca em Dili, em Fevereiro ou Março de 1979. Sargento da polícia militar Portuguesa durante o serviço nacional, ele foi para a mata com as forças da Fretilin na altura da invasão Indonésia. Afirma-se que foi capturado, depois de ter sido ferido a tiro numa perna, em Fatu Ai Balun, próximo de Soibada, Foi levado para Dili, onde esteve primeiro detido num armazém ao lado da loja de San Hai To, que tem sido usada para interrogatórios pelos serviços secretos Indonésios, e subsequentemente transferido para a Prisão da Comarca.

No início de 1979, foi-lhe garantida "liberdade condicional", o que significava que lhe era permitido sair da prisão durante o dia, Em Janeiro de 1979, foi-lhe permitido assistir ao casamento do seu irmão em Dili. Uma noite, em Fevereiro ou Março de 1979, afirma-se ter sido levado da Prisão da Comarca e executado no Lago Tacitolu, a oeste de Dili. Durante este período, muitas centenas de pessoas, anteriormente associadas à Fretilin, "desapareceram", incluindo algumas que se afirma terem sido levadas das suas casas ou locais de detenção em Dili, e executadas no Lago Tacitolu.